

**33º Encontro Anual da ANPOCS, de 26 a 30 de Outubro de 2009
Caxambu, MG**

GT 25: Migrações Internacionais

**Emigração de Estudantes e Profissionais Qualificados: Há Fuga de Cérebros
no Brasil?**

Ana Cristina Braga Martes¹ e Luciana Unis Coentro²

FGV, SP - 2009

¹ Professora de Sociologia na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ana.martes@fgv.br

² Mestranda em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. E-mail: lucoentro@gmail.com

Este *paper* tem por objetivo iniciar uma discussão ainda pouco contemplada nos estudos migratórios brasileiros: a emigração de profissionais qualificados e altamente qualificados. Para isso, apresentamos um quadro geral, com dados de fontes secundárias, que nos possibilita dimensionar a ocorrência deste fenômeno na América Latina e especialmente no Brasil nos últimos anos. De modo complementar, buscamos identificar possíveis fatores de atração destes emigrantes, focalizando as políticas migratórias e de concessão de vistos da União Européia e dos Estados Unidos. Com isso, esperamos contribuir, por um lado, para prevenir situações futuras de ocorrência de fuga de cérebros e, por outro, para subsidiar políticas públicas que levem em conta a construção de redes de desenvolvimento em pesquisas e tecnologia, assim como desenvolvimento de capital humano e social no Brasil, considerando também o contexto de sua inserção regional.

Com este objetivo apresentamos, inicialmente, uma breve discussão conceitual sobre a emigração qualificada e suas modalidades. Em seguida, sumarizamos os dados disponíveis sobre emigração qualificada e “fuga de cérebros”. Na seqüência, analisamos e discutimos as políticas públicas que visam regulamentar e atrair profissionais qualificados para os Estados Unidos e países membros da União Européia. A escolha destas duas regiões se justifica, principalmente, por possuírem instituições de ensino de reconhecimento internacional e por serem o destino para onde se dirige quase que a totalidade dos estudantes brasileiros de pós-graduação e expatriados (brasileiros enviados ao exterior pelas empresas em que trabalham). Com relação às políticas migratórias e concessão de vistos, observa-se que ambas as regiões vêm criando mecanismos de atração de profissionais qualificados, com pós-graduação ou experiência em cargos executivos e, simultaneamente, de restrição à entrada de uma força de trabalho com baixa qualificação e fraco nível de escolaridade. As conseqüências destas políticas, a longo prazo, podem ser negativas para o Brasil e para a América

Latina como um todo? Este é o problema cuja discussão tentamos contemplar ao final deste trabalho.

Principais conceitos e suas implicações

Fuga de cérebros (*brain drain*) e emigração de trabalhadores qualificados são os dois temas abordados neste artigo. Ambos tratam genericamente do mesmo fenômeno, porém suas especificidades vêm sendo crescentemente destacadas, em função da complexidade crescente dos fluxos migratórios internacionais. Não se trata, contudo, de um fenômeno recente. As universidades, por exemplo, sempre proporcionaram deslocamentos e intercâmbios, seja para alunos, seja para professores. Desde o período colonial, estudantes das colônias que dispunham de recursos suficientes, buscavam concluir sua formação na metrópole e, ao retornarem, ostentavam um enorme diferencial em relação àqueles que tinham restrições para fazê-lo.

Há diversas definições para a migração qualificada. O próprio termo nos leva a supor que, para se fazer uso da palavra “qualificada”, deve haver algum tipo de especialização à que se teve acesso antes de emigrar. Cabe, porém definir claramente o que tem sido considerado como qualificação, e talvez aí resida um problema, pois se observa, desde já, que não há um critério fixo nem único para esta classificação.

Num importante relatório recentemente publicado pelo Sistema Econômico Latino-Americano e do Caribe (SELA, 2009), são apresentadas as seguintes definições para caracterizar um estudante ou profissional “qualificado”: 1) pessoas que tenham obtido nível educacional de treze anos ou mais, ou seja, que tenham cursado pelo menos um ano de nível superior, 2) aqueles que possuem um diploma universitário. (SELA, 2009, p.10, tradução nossa).

A primeira definição – nível educacional de treze ou mais anos –, foi utilizada em extenso relatório sobre imigrantes qualificados, através de análise estatística

dos dados de imigração qualificada nos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Este estudo foi realizado com base em metodologia desenvolvida por Docquier, Lowell e Marfouk (2008) para o período de 1990-2000, com projeções do próprio SELA para o ano de 2007, utilizando taxas de crescimento observadas durante o período de referência. A segunda definição – nível de escolaridade correspondente à obtenção do diploma universitário –, foi utilizada para cálculo dos dados provenientes da “*American Community Survey (ACS) 3-years estimates*” de 2005-2007, referentes aos imigrantes qualificados residentes apenas nos Estados Unidos. No presente trabalho usaremos ambos os relatórios como fonte de dados, ainda que adotem critérios diferentes para definir o mesmo fenômeno.

O termo “fuga de cérebros”, por sua vez, é usado para caracterizar o êxodo de profissionais altamente qualificados, aí incluídos os pesquisadores e estudantes de pós-graduação. Entretanto, aqui também encontramos dificuldades, pois na literatura a fuga de cérebro nem sempre é tratada como um fenômeno discernido do que, genericamente, se chama migração qualificada. Contudo, é de se admitir que o nível de escolaridade e especialização do primeiro é mais elevado. Para fins deste estudo, tomaremos o primeiro, “fuga de cérebros”, como um sub-tipo do segundo (migração qualificada). No entanto, como assinalamos acima, nossas fontes são secundárias e nem todas fazem este discernimento, apresentando dados de um e outro separadamente. Assim, esforçamo-nos para deixar claro o uso destas classificações nos trabalhos aqui discutidos.

Observa-se, ainda, que a denominação “fuga de cérebro” é geralmente utilizada para denotar uma alta incidência de fluxos de imigrantes qualificados, isto é, quando estes tomam proporções numéricas significativas e, de modo geral, acarretam conseqüências econômicas desfavoráveis para os países de origem, conseqüências estas que não são compensadas por eventuais efeitos positivos tais como remessas financeiras e/ou transferências de tecnologia (SELA, 2009). Este fenômeno tende a ser um problema mais crítico para os países em

desenvolvimento, pois pode envolver perda de capacidade produtiva, inovadora e científica para os países de origem, que investem em formação e, posteriormente, não são capazes de reter os talentos que formaram.

Tais conseqüências negativas acarretadas pela fuga de cérebros têm sido questionadas por autores que consideram o aumento dos fluxos de migração qualificada uma conseqüência do processo irreversível de globalização e que nem sempre prejudicam os países de origem.

Como assinalado por Accioly (2009), alguns autores desta vertente (ver Martinez Pizarro, 2006 e Lowell, 2003), podem ocorrer ganhos e não necessariamente perdas. Assim, haveria uma inversão do termo, de *brain drain* para *brain gain*, para destacar “certos benefícios que o país de origem da mão-de-obra qualificada pode obter, como um possível aumento de remessas de capitais, do comércio internacional, de conhecimento, de investimento estrangeiro [...] e as qualidades adquiridas pelos emigrantes, úteis quando de seu possível retorno.” (Accioly, 2009 p.19). Com isso, a abordagem se alterna de pessimista para otimista, olhando o mesmo fenômeno sob outra ótica.

Outra abordagem ainda (ver Ozden, 2005), diz respeito a uma classificação à *posteriori* do fenômeno. Se os emigrantes qualificados, nos países para os quais migram, ocupam posições inferiores àquelas que, por sua qualificação, seriam capazes de ocupar, essa abordagem classificaria isso como *brain waste* (ou, desperdício de cérebros). Nestes casos, há perdas para todos os envolvidos neste processo: o país de origem perde um talento, o país de destino não consegue encaixá-lo em um posto de trabalho que o permita usufruir de sua qualificação e nem o próprio imigrante consegue exercer todo seu potencial.

Do ponto de vista estritamente individual, para o imigrante, mesmo que sua qualificação não seja plenamente reconhecida, ainda assim pode ser mais vantajoso emigrar do que ficar em seu país de origem, dadas as perspectivas eventualmente limitadas, existentes em sua terra natal.

Para além deste debate, que tende a levar a posicionamentos dicotômicos, há ainda um outro conjunto de autores que interpreta o aumento do fluxo de imigrantes qualificados não como uma mera consequência do processo de globalização que requer a expansão de demanda por trabalhadores qualificados, mas também porque, este mesmo processo, abre espaço para uma perspectiva transnacional, que vai além da discussão dicotômica entre atração e expulsão. Nesse sentido, Guarnizo (2006) apresenta os movimentos migratórios como sendo processos dinâmicos de construção de redes sociais³ que estruturam a mobilidade espacial e as características da vida dos imigrantes. Em se considerando os imigrantes como sendo transnacionais, os trabalhadores qualificados poderiam ser considerados estratégicos para a disseminação de informações, contribuindo para a inovação e desenvolvimento também em seus países de origem.

Um fator relevante para se compreender problemas e vantagens desta emigração diz respeito à magnitude dos fluxos, ou seja, a relação entre o número de emigrados qualificados e a população total do país. Alguns trabalhos (Docquier e Marfouk, 2006) sugerem que taxas de emigração de recursos humanos qualificados que estejam entre 5 % a 10% do total da população nativa qualificada, em certas condições, podem ter efeitos positivos para o crescimento econômico do país de origem. Já a ocorrência de taxas acima de 10% pode ter o efeito contrário. Estudo do SELA (2009) aponta que a América Latina, de uma forma geral, tem uma taxa de emigração qualificada de 11,3%, acima, portanto, do nível que pode gerar resultados positivos a seus países de origem, como veremos em maior detalhe no decorrer deste trabalho.

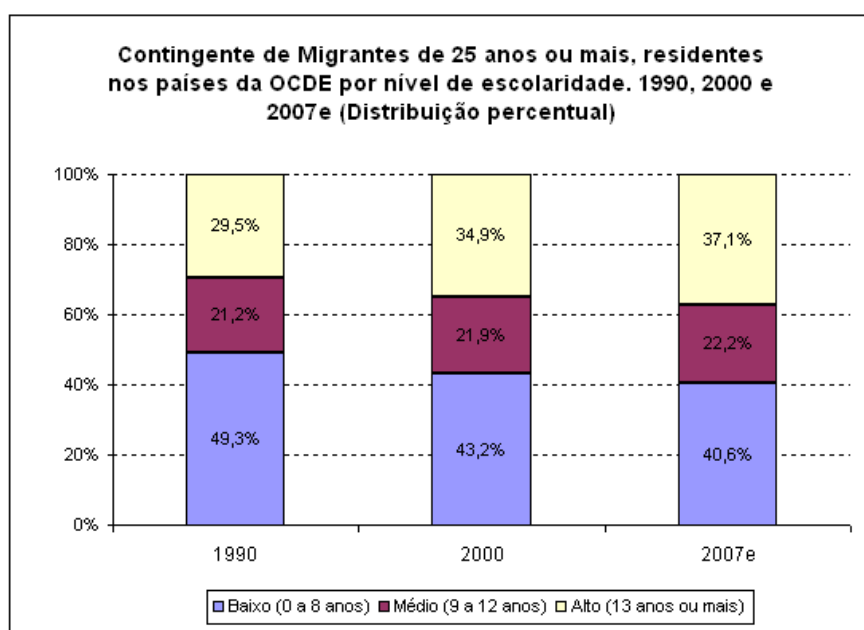
Emigração qualificada na América Latina e Caribe

Os atuais fluxos migratórios internacionais apresentam algumas tendências

³ As redes sociais configuram-se como importante facilitador do processo migratório, reduzindo, por meio dos contatos estabelecidos, os custos financeiros, de informação e até mesmo os afetivos para as pessoas que decidem emigrar. Empresas, escolas e universidades têm se mostrado fundamentais na construção dessas redes nas quais circulam pessoas, conhecimento, projetos facilitando o processo migratório.

marcantes: (a) aumento em números absolutos da migração qualificada⁴; (b) crescimento mais acentuado da migração de recursos com alta qualificação em comparação àqueles com baixa ou média qualificação; (c) participação crescente de mulheres com alta qualificação (SELA, 2009). Podemos observar parte dessa tendência no gráfico a seguir.

Gráfico 1:



Fonte: SELA (2009)

Entre 1990 e 2007, pode-se observar um aumento na participação percentual do total de migrantes com 25 anos ou mais, residentes nos países da OCDE que possuem escolaridade maior ou igual a 13 anos: em 1990, representavam 29,5% e em 2007, o percentual já se elevava para 37,1%.

Ainda neste período, o montante de imigrantes com alta qualificação e residentes nos países da OCDE obteve um crescimento de 111,3% (o que equivale a 13,6 milhões de pessoas em termos absolutos). Este crescimento foi superior ao observado com relação aos migrantes de qualificação baixa (38,8%, ou seja, 7,9 milhões) e média (76,3% ou seja, 6,7 milhões) no mesmo período e para esta

⁴ O nível de qualificação, neste relatório do SELA (2009), é medido com base no grau de escolaridade: baixo (de 0 a 8 anos

mesma região.

Tabela 1:

Contingente de migrantes de 25 anos ou mais, residentes nos países da OCDE, por nível de escolaridade em 1990, 2000 e 2007e

Nível de Escolaridade	1990	%	2000	%	2007e	%	Mudança % 1990-2007
Total	41.441.126	100%	58.054.799	100%	69.684.368	100%	68,2%
Baixo (0 a 8 anos)	20.413.656	49%	25.067.550	43%	28.325.275	41%	38,8%
Médio (9 a 12 anos)	8.791.199	21%	12.737.204	22%	15.499.406	22%	76,3%
Alto (13 anos ou ma	12.236.271	30%	20.250.045	35%	25.859.687	37%	111,3%
Homens	20.474.689	100%	28.520.552	100%	34.152.655	100%	66,8%
Baixo (0 a 8 anos)	9.891.058	48%	12.247.980	43%	13.897.825	41%	40,5%
Médio (9 a 12 anos)	4.056.521	20%	6.003.468	21%	7.366.331	22%	81,6%
Alto (13 anos ou ma	6.527.110	32%	10.269.104	36%	12.888.499	38%	97,5%
Mulheres	20.966.438	100%	29.534.248	100%	35.531.713	100%	69,5%
Baixo (0 a 8 anos)	10.522.598	50%	12.819.570	43%	14.427.450	41%	37,1%
Médio (9 a 12 anos)	4.734.679	23%	6.733.736	23%	8.133.075	23%	71,8%
Alto (13 anos ou ma	5.709.161	27%	9.980.942	34%	12.971.188	37%	127,2%

Fonte: SELA (2009) com base em Docquier, Lowell and Markouf (2008)

A Tabela 1 evidencia o aumento da migração de mulheres com alta qualificação neste mesmo período. A taxa de crescimento da migração total de mulheres foi superior à de homens (69,5% versus 66,8%, respectivamente) e esse número é ainda mais elevado em se tratando de mulheres com alto nível de escolaridade (127,2% versus 97,5%).

Quanto à distribuição geográfica, chama a atenção o aumento no número de imigrantes qualificados egressos da América Latina: cresceu 155% no período referido, passando de 1,9 milhão em 1990 para 4,9 milhões em 2007. Os latino-americanos ultrapassaram, portanto, as estimativas de crescimento do contingente de emigrados qualificados vindos da África. O crescimento dos imigrantes africanos foi de 152%, passando de 0,7 milhão para 1,8 milhão no período. Assim, o aumento no número de emigrantes qualificados da América Latina e Caribe ficou acima do crescimento mundial no período, que foi de 111,3%, como podemos observar na

de escolaridade), médio (de 9 a 12 anos) e alto (13 anos ou mais).

Tabela 2, abaixo. Por outro lado, mantendo o padrão histórico, a Ásia é o continente com maior número de emigrantes qualificados tanto em termos absolutos como relativos, tendo, em 2007, 9,3 milhões de emigrados qualificados vivendo nos países da OCDE, representando 35,8% do total. Seguido a ele, encontramos os países europeus devido, principalmente, ao fluxo interno de talentos dentro da Europa, representando 31,9% do total. A América Latina é a terceira região que mais envia pessoas de alta qualificação, representando 19% do total.

Tabela 2:

Contingente de migrantes de alta qualificação, de 25 anos ou mais, residentes nos países da OCDE, por região e país de origem, 1990, 2000 e 2007e.

Região de Origem	1990		2000		2007e		Mudança % de 1990- 2007e
		%		%		%	
Total	12.236.271	100%	20.250.045	100%	25.859.684	100%	111,3%
Estados Unidos e Canadá	716.742	5,9%	949.566	4,7%	1.112.543	4,3%	55,2%
Europa	4.869.045	39,8%	6.864.409	33,9%	8.261.164	31,9%	69,7%
África	723.907	5,9%	1.372.712	6,8%	1.826.872	7,1%	152,4%
Ásia	3.781.331	30,9%	7.002.491	34,6%	9.257.303	35,8%	144,8%
Oceania	220.624	1,8%	379.067	1,9%	489.977	1,9%	122,1%
América Latina e Caribe	1.924.622	15,7%	3.681.800	18,2%	4.911.825	19,0%	155,2%
México	366.783	3,0%	949.334	4,7%	1.357.120	5,2%	270,0%
América Central	236.891	1,9%	427.677	2,1%	561.227	2,2%	136,9%
Caribe	783.176	6,4%	1.300.333	6,4%	1.662.343	6,4%	112,3%
Países Andinos	317.243	2,6%	618.864	3,1%	829.999	3,2%	161,6%
América do Sul	220.529	1,8%	385.592	1,9%	501.136	1,9%	127,2%
Brasil	63.018	0,5%	154.451	0,8%	218.454	0,8%	246,7%

Fonte: SELA (2009) com base em Docquier, Lowell and Markouf (2008)

Os resultados desta pesquisa configuram um quadro preocupante para a América Latina e Caribe no período de 1990 a 2007e⁵:

- i) A taxa de emigração qualificada desta região é de 11,3%. Ou seja, 11,3% das pessoas com qualificação (escolaridade maior ou igual a 13 anos) nascidas na região, vivem fora dela.
- ii) Os países do Caribe se destacam como os maiores exportadores de mão de obra qualificada (taxa de emigração de 45,2%).
- iii) Os Estados Unidos figuram como o principal destino da migração

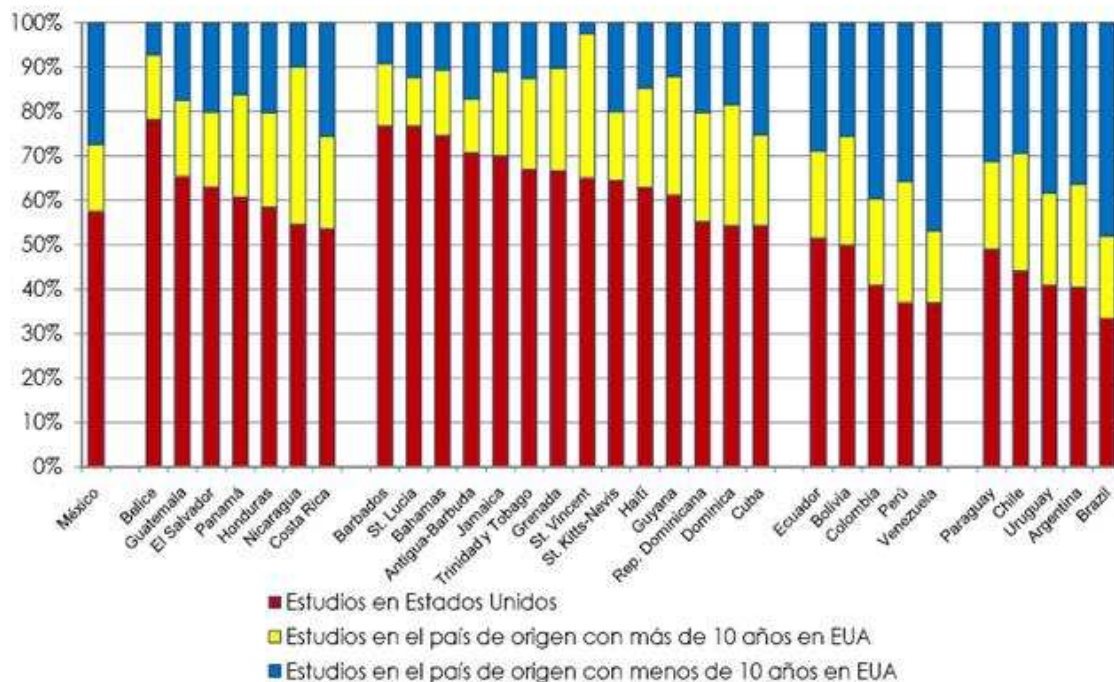
⁵ O valor de 2007 é uma estimativa feita pelos autores do relatório do SELA (2009).

qualificada não somente da América Latina e Caribe, como do mundo. Dados demonstram que 90% dos migrantes vão para países da OCDE. No ano 2000, 65% dos imigrantes qualificados se encontravam na América do Norte (Estados Unidos, Canadá e México) e que, dentre os imigrantes provenientes da América Latina e Caribe, 88,3% deslocam-se para a América do Norte (Lowell, 2008).

- iv) Dentre os imigrantes nascidos na América Latina e Caribe que viviam nos Estados Unidos entre os anos 2005 e 2007, 46% se formaram em seu país de origem. Dentre eles, as sub-regiões onde há maior incidência de formação no país de origem antes da migração, são na América do Sul (onde se destaca o Brasil) e os países Andinos.

Gráfico 2:

Migrantes qualificados assalariados residentes nos Estados Unidos, de 25 anos ou mais, por país de nascimento da América Latina, segundo país onde realizou estudos universitários, 2005-2007 (distribuição percentual)



Fonte: SELA (2009) com base no American Community Survey 3-year estimates, 2005-2007

- v) Conforme a qualificação do imigrante aumenta, passando do bacharelado para mestrado ou doutorado, aumentam também suas possibilidades de adquirir um emprego no país de destino mais próximo à sua qualificação.

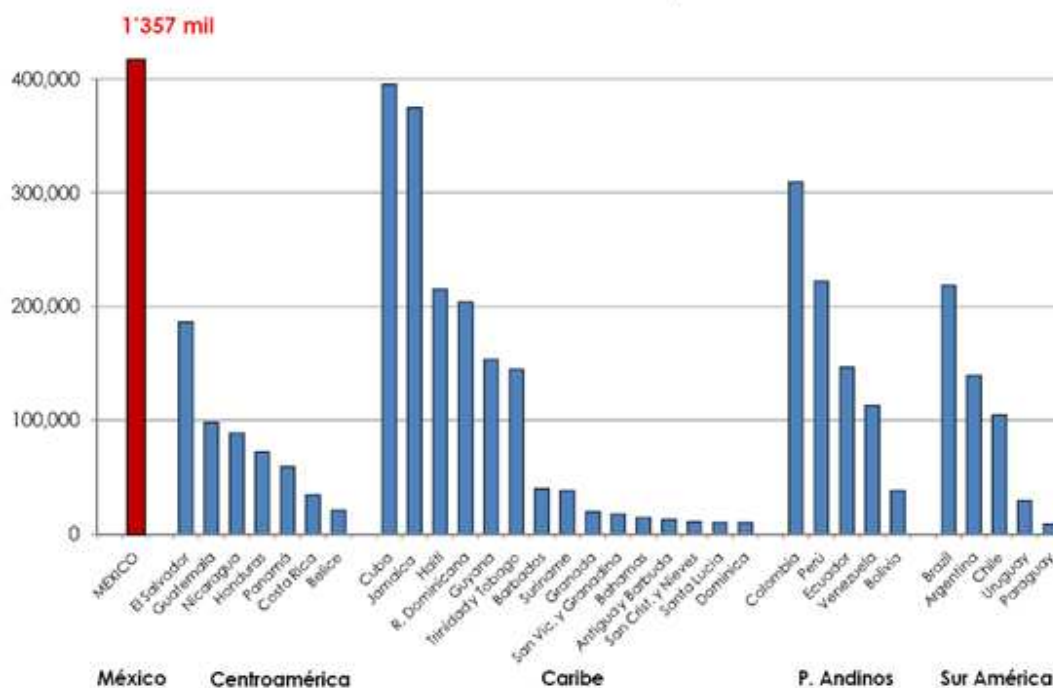
Qual é a situação específica do Brasil neste quadro? Tomado o período de 2000 a 2007, verifica-se um aumento de 247% de emigrantes qualificados brasileiros (chegando a 218 mil em 2007), ou seja, um crescimento acima da média da região, que foi de 155%, para o período (ver Tabela 2, na página 8, acima). Além disso, o número de imigrantes qualificados egressos do Brasil, que em 1990 representavam 0,5% do total de imigrantes qualificados residentes nos países da OCDE, subiu para 0,8% no ano de 2007.

Tomados em conjunto os países da OCDE, o número de brasileiros com nível de escolaridade superior que lá vivem e obtiveram formação no Brasil, pulou

de 1,7% para 3,3%, entre os anos de 1990 a 2000, (GOIS, 2009 - Folha de S.Paulo).

Gráfico 3:

Contingente de migrantes Qualificados de 25 anos ou mais por país de origem na América Latina e Caribe, 2007e



Fonte: SELA (2009)

O gráfico acima mostra que o Brasil figura entre os países da América Latina que mais enviam pessoal qualificado para o exterior, juntamente com México, Cuba, Jamaica, Colômbia e Peru.

Especificamente com destino aos Estados Unidos, em apenas uma década (1996 a 2006), aumentou em 185% o número de brasileiros que receberam o tipo de visto para dado somente a profissionais qualificados.

Tomando-se como critério a obtenção de, no mínimo o diploma de graduação, o Brasil se destaca como o país da América Latina e Caribe que mais forma seus próprios talentos, isto é, 66% dos migrantes qualificados completaram

seus estudos no Brasil (ver Gráfico 2, página 9). Grande parte da formação em pós-graduação *stritu sensu* de brasileiros no exterior é financiada por agências governamentais.

Brasil – fuga de cérebros?

Nos anos 1970 alguns pesquisadores no Brasil passaram a se preocupar com a possibilidade de ocorrência de fuga de cérebros no país. Em 1972 foi concluído o relatório de uma pesquisa coordenada por Simon Schwartzman, com o apoio das Nações Unidas (Instituto de Treinamento e Pesquisa das Nações Unidas / UNITAR), que teve por objetivo “estudar o impacto do estudo universitário de pessoas de países subdesenvolvidos em países desenvolvidos, avaliando a tendência desses estudantes de se fixarem de volta a seus países ou, ao contrário, de emigrarem.” (Schwartzman, 1978, p.67 e 68)⁶.

Conclui-se, neste estudo (Schwartzman, 1972) com base em pesquisas do tipo “*survey*”, que o Brasil não era fortemente impactado pela fuga de cérebros, diferentemente de seu vizinho, a Argentina, pois, no Brasil, grande parte dos entrevistados alegou interesse em voltar, motivados principalmente por dois fatores: a) dificuldade de adaptação no país receptor; b) condições favoráveis no Brasil, tais como maior possibilidade de liderança e de “ser socialmente útil”, assim como compromisso com o vínculo empregatício mantido no momento de ida. Quando da realização da pesquisa, apenas 5% dos brasileiros que iam estudar no exterior, por lá ficavam e trabalhavam, pois a maioria mantinha seus vínculos empregatícios no Brasil e, após os estudos, regressavam⁷. (Schwartzman, 1972 e 1978)

⁶ Tal projeto foi realizado no Brasil, com o nome de “Projeto Retorno” e sob a coordenação da Universidade de Columbia. Além de recursos da UNITAR, obteve apoio financeiro e técnico da Subsecretaria de Cooperação Técnica e de Intercâmbio Internacional (pertencente, na época, ao Ministério do Planejamento), tendo sido realizado pelo Instituto Brasileiro de Relações Internacionais em cooperação com a Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas.

⁷ Curioso, porém, é o fato de a pesquisa ter sido realizada durante a época em que o Ato Institucional de número 5 (AI-5, como ficou popularmente conhecido) vigorava no Brasil, no governo militar presidido pelo General Emilio Garrastazu Médici, período notabilizado como o mais conservador e repressivo dentre os governos militares. É possível, pois, que os entrevistados tenham respondido sob eventual carga de receio em dar informações que contrariassem os interesses do governo brasileiro, mas esse ponto foi pouco abordado na pesquisa e caberiam maiores investigações a respeito de seu real impacto nos resultados.

Schwartzman (2009) procura enfatizar que o fenômeno da migração internacional de talentos está menos relacionado à atratividade das oportunidades no exterior, do que às condições de vida e integração ou reintegração em seus próprios países. Especificamente no Brasil, contudo, o autor ressalta que “a partir dos anos 1990, [...] as instituições nacionais não abriram postos de trabalho em quantidade e qualidade correspondentes ao número de pessoas que completaram sua formação no exterior.” (Schwartzman, 2009, p.7, tradução nossa) e estima que o número de bolsistas que não regressaram deve ter provavelmente aumentado nos últimos 10 ou 14 anos.

Atualmente, o Brasil forma cerca de dez mil doutores por ano (Schwartzman, 2009). As bolsas concedidas pelas agências de fomento, como CAPES e CNPq, para o aprimoramento de estudantes brasileiros em universidades estrangeiras passaram a exigir, desde o final dos anos 1990, um período de permanência mínima do estudante bolsista de dois anos no Brasil após seu retorno. Caso não cumpra o compromisso, o estudante deve reembolsar à agência o total do valor investido (montante total da bolsa concedida). Esta decisão busca evitar a fuga de cérebros.

De 2005 a 2007 o número de bolsas concedidas a estudantes brasileiros no exterior pelas agências nacionais de fomento aumentou de 3,6 mil para 4,1 mil (12,9%), segundo dados da CAPES.

Tabela 3:

Bolsas Concedidas Anualmente pela CAPES para brasileiros estudarem no exterior, por tipo de bolsa

Ano	Graduação Sanduíche	Mestrado Pleno	Doutorado Pleno	Doutorado Sanduíche	Pós-Doc	Total
1998	103	18	1.091	399	266	1.877
1999	344	10	1.090	502	256	2.202
2000	474	19	1.013	664	267	2.437
2001	434	22	932	713	407	2.508
2002	287	16	894	840	454	2.491
2003	285	2	967	969	455	2.678
2004	473	1	940	1.019	535	2.968
2005	693	1	947	1.298	641	3.580
2006	734	1	932	1.529	762	3.964
2007	791	2	915	1.500	830	4.038
2008	930	1	723	1.558	923	4.135
Total geral	5.548	93	10.444	10.991	5.796	32.878

Fonte: Capes/MEC disponível em <http://geocapes.capes.gov.br/geocapesds/#app=38dc&da7a-selectedIndex=0&5317-selectedIndex=0>

Para este mesmo período, a base de dados *American Community Survey 3-year estimates, 2005-2007*, mostra que o volume de migrantes assalariados com diploma universitário e com 25 anos ou mais, residentes nos Estados Unidos e provenientes do Brasil foi de 52,6 mil, dentre os quais 63,5% possuíam somente o diploma de graduação, 24,2% haviam concluído o mestrado e 12,3% o doutorado.

Com base nos dados registrados acima, há duas importantes considerações a serem feitas. A primeira delas relaciona-se ao fato de que não temos informações suficientes sobre as bolsas concedidas pelos órgãos de fomento à pesquisa no Brasil com relação, por exemplo, ao percentual de bolsistas que retornam ao Brasil no prazo estipulado. Para além desta questão e, para fins de triangulação dos resultados obtidos através deste estudo baseado no *American Community Survey*, faz-se necessário indagar se haveria relação entre o aumento das bolsas concedidas pelas agências de fomento e o aumento de trabalhadores qualificados emigrados, registrado naquela pesquisa. Em segundo lugar, pergunta-se se haveria relação entre o aumento do nível de escolaridade médio no Brasil e a elevação da

escolaridade dos emigrantes brasileiros de um modo geral, inclusive aqueles que entram nos Estados Unidos sem o visto de estudante ou de imigrante qualificado.

Qual é a escolaridade média dos brasileiros e dos imigrantes brasileiros que estão em países da OCDE?

Em um importante trabalho sobre migração de retorno, Carvalho (2004) conclui que os Censos de 1991 e 2000 apontam para a alta qualificação dos brasileiros natos provenientes da Europa e dos Estados Unidos: a maioria declarou ter 12 ou mais anos de estudo. Carvalho conclui então que, "[p]rovavelmente, parte substancial desses contingentes era constituída por estudantes de pós-graduação, tendo o Brasil uma política bem agressiva de formação avançada de recursos humanos no exterior." (Carvalho, 2004, p. 10). Ainda segundo este autor, os imigrantes brasileiros do quinquênio 1986/1991, tinham maior nível de escolaridade – exceto aqueles provenientes do Paraguai -- do que a média nacional (quando responsáveis pela família). No período de 1995/2000, "os imigrantes brasileiros natos chefes de família continuaram a apresentar melhor nível de escolaridade do que os chefes de família, em geral, residentes no País, inclusive daqueles residentes nas áreas metropolitanas" (Carvalho, 2004, p.15). De novo, aqui, com exceção daqueles provenientes do Paraguai.

Dados mais recentes em relação à emigração qualificada de brasileiros e à chamada fuga de cérebros continuam reafirmando a incidência comparativamente baixa do fenômeno neste país, não obstante seu significativo incremento ao longo da última década. Assim, alguns autores têm procurado chamar a atenção para uma possível reversão desta tendência que parece não ter sido, até aqui, desfavorável ao país.

Velho (2001) observa que, apesar de a *National Science Foundation* dos Estados Unidos sugerir uma baixa permanência de doutorandos brasileiros no

exterior em comparação com os demais países, “o estado atual do mercado de trabalho para doutores no Brasil é tão desestimulante que o crescimento da evasão de cérebros não é uma hipótese a ser desprezada.” (Velho, 2001, p.620)

Rios-Neto (2005) sugere que: “...a fuga de cérebros pode se tornar um tema importante no Brasil na próxima década. Isso acontecerá na medida em que a queda de natalidade dos brasileiros é maior em famílias com maiores níveis de educação. Se as poucas crianças destas famílias emigrarem em grandes levas na próxima década, então os jovens que ingressarem o mercado de trabalho serão menos qualificados, impondo choques negativos de produtividade no mercado de trabalho.” (Rios-Neto, 2005, p. 14, tradução nossa)

Martes (2009) considera que, embora a fuga de cérebros não seja atualmente um problema para o Brasil, isto não significa que este tema deva estar ausente na agenda sobre políticas públicas e desenvolvimento. Ademais, este é certamente “um problema dos países do MERCOSUL. Argentina, Uruguai, têm perdido muitos cientistas e não porque estes estejam vindo para o Brasil. Essas pessoas estão partindo para a Europa, para os Estados Unidos... Poderia haver uma tentativa de fazer com que esses cientistas ficassem circulando no MERCOSUL, ou na América Latina, ao invés de partirem para o hemisfério norte? (...) Em relação à Argentina, por exemplo, 80% de seus imigrantes radicados nos Estados Unidos e na Espanha têm o ensino médio (dados da CEPAL). No caso do Chile, esse percentual é de 71%, enquanto 24% possuem educação técnica ou universitária” (Martes, 2009, p. 165). A autora chama a atenção para o fato de que com o processo de internacionalização das empresas, verifica-se o aumento no número de concessão de vistos a expatriados e profissionais qualificados. “A Índia, evidentemente, é um dos exemplos mais marcantes nesse terreno. De qualquer forma é uma preocupação que não só o Conselho Nacional de Imigração do Brasil poderia estar atento, como também o próprio MERCOSUL. Haveria maneiras de conter a saída dessas pessoas em direção ao hemisfério norte e poder talvez

promover uma circulação maior desses profissionais aqui mesmo na América Latina? Isso poderia significar um enorme ganho para nossos países” (Martes , 2009, p. 165)

Políticas migratórias dos países desenvolvidos: atração dos qualificados

Junto à crescente importância da emigração de profissionais qualificados na América Latina e no Brasil, crescem nos países desenvolvidos os incentivos para a atração de migrantes qualificados, assim como erguem-se mais e mais barreiras para a entrada de imigrantes de baixa qualificação. Já observamos que, mundialmente, o fluxo de pessoas com alta qualificação tem aumentado mais do que aquele de pessoas com baixa ou média qualificação. As políticas migratórias dos países desenvolvidos exercem cada vez mais restrições para os imigrantes de baixa qualificação e por outro lado, flexibilizam as regras para facilitar o ingresso de imigrantes com alta qualificação (ou, política de portas abertas).

Embora a Europa possua atualmente mais de 8 milhões de imigrantes recentes, o envelhecimento da população somado às taxas decrescentes de natalidade, levam os especialistas a concluir que o Velho Continente necessitará de, pelo menos, 40 milhões de imigrantes nos próximos 40 anos, para poder, assim, manter a força de trabalho de que atualmente dispõe. (Financial Times 25/09/08). Contudo, apesar de necessários, nem todos os imigrantes são bem vindos à Europa.

De fato, “a regulação das migrações internacionais possui centralidade na agenda política de toda Europa. Com o objetivo de coibir a imigração ilegal, a UE vem promovendo políticas para aumentar o controle sobre suas fronteiras e a vigilância em casos de casamento com estrangeiros, e planeja introduzir até 2012 um tipo especial de visto com dados biométricos. Os países de origem dos imigrantes recentes estão sendo chamados a cooperar, de modo a facilitar a repatriação, o

envio de remessas de dinheiro e o combate ao tráfico de pessoas”. (Martes e Soares, 2008). Segundo os autores, no ano de 2008, o "Pacto Europeu de Imigração e Asilo", estabeleceu sanções severas aos imigrantes não documentados, assim como incentivos à imigração de trabalhadores qualificados. O "Cartão Azul", equivalente ao "Green Card" americano, foi um dos mecanismos instituídos para tal atração, sob a justificativa de que admissões temporárias evitariam a fuga de cérebros nos diversos países de origem. Seu objetivo maior é, no entanto, atenuar a carência de trabalhadores qualificados, principalmente nas áreas de engenharia e informática. O cartão será concedido apenas a candidatos com formação universitária com cursos de duração de pelo menos três anos, ou experiência profissional mínima de cinco anos em um setor, bem como provar que há uma oferta de trabalho do país pretendido (Financial Times, 25/09/08; Yahoo Notícias, 25/09/2008). O cartão irá, ainda, restringir a mobilidade do trabalhador, negando a ele a possibilidade de trabalhar em qualquer outro país da UE.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores (MRE) vivem atualmente 766.594 brasileiros nos países europeus, com maior concentração no Reino Unido, Portugal, Itália e Espanha. A grande maioria deles possui baixa e média qualificação, configurando um padrão migratório semelhante ao de brasileiros nos Estados Unidos, ou seja, predominância de classe média baixa e de nível médio de instrução (Martes, 2000).

Tanto a política norte-americana como a da UE visam exercer um controle mais efetivo na seleção do imigrante. Para evitar a fuga de cérebros nos países em desenvolvimento, os Estados membros da UE devem evitar contratar trabalhadores nos países mais pobres, particularmente naqueles com carência de recursos humanos (Financial Times 25/09/08). De acordo com Martes e Soares (2009), “Obviamente, isso não ocorre, nem ocorrerá. A Polônia já tem déficit deste tipo de trabalhador, que está continuamente emigrando para os países europeus, atraídos por excelentes salários e políticas de incentivos. O cenário parece ser, portanto, o

pior possível: os brasileiros desempregados, de baixa qualificação, encontrarão cada vez mais barreiras para emigrar e os profissionais qualificados, que aqui se formaram – inclusive contando com o financiamento de bolsas de estudo do governo brasileiro – tenderão a ser atraídos por melhores condições de trabalho e remuneração” (Martes e Soares, 2009).

De modo semelhante, nos Estados Unidos, o Immigration Act of 1990 (IMMACT 1990), oferece oportunidades diferenciadas para imigrantes qualificados (em termos acadêmicos e profissionais), passando, estes, a ter prioridade para o ingresso no país. O visto H-1B, criado em 1991, foi outro passo neste mesmo sentido, pois permite que trabalhadores qualificados permaneçam nos Estados Unidos trabalhando por até seis anos, desde que se mantenham empregados. Há também outros tipos de vistos (criados neste mesmo período) que acolhem imigrantes empreendedores que estejam dispostos a investir seu capital em estabelecimentos e empresas localizados em áreas menos desenvolvidas do país, como bem ressaltou Accioly (2009, p. 38).

Por outro lado, as políticas de restrição à entrada de imigrantes de baixa qualificação se intensificaram, principalmente depois do atentado terrorista ocorrido em 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos. A partir desta data houve aumento do controle realizado nas fronteiras e também das restrições para concessão de vistos. No caso do Brasil, por exemplo, a queda na concessão de vistos foi de 46% de 2001 para 2002, caindo de 241 mil vistos concedidos em 2001 para 130 mil vistos concedidos em 2002. O interessante é notar que dentre eles, o que sofreu maior queda foi o visto de turismo (B2), que caiu 55%, saindo de 167 mil emitidos em 2001 para 76 mil emitidos em 2002. Este era o tipo de visto que tinha um controle menos rigoroso e permitia a entrada de um maior volume de pessoas. Por outro lado, os vistos para trabalhadores temporários e para estudantes e intercambistas (todos estes são emitidos de forma bastante rigorosa) sofreram queda muito menor. Com efeito, os vistos de trabalho temporário tiveram queda de

somente 7% de 2001 para 2002, caindo de 10,4 mil para 9,7 mil no ano seguinte. Os de estudantes e intercambistas tiveram queda de 28%, reduzindo-se de 22,5 mil para 16,2 mil em 2002. Isso novamente nos leva a constatar que as barreiras estão cada vez mais rígidas para alguns, enquanto para outros (supostamente mais qualificados) as barreiras estão se suavizando (dados do US Department of State, disponível em http://travel.state.gov/visa/frvi/statistics/statistics_1476.html , ver tabela 4, abaixo). Outro dado importante é que, apesar das cotas existentes para vistos de trabalhadores temporários (e por isso podemos notar na tabela abaixo que esses números no período ficam relativamente estáveis), de um modo geral, no período compreendido entre 2000 e 2008 houve aumento de 72% no total de vistos concedidos a brasileiros pelo governo norte-americano, atingindo 450 mil em 2008.

Tabela 4:

Vistos de Não-Imigrantes Concedidos Anualmente Pelo Governo Norte-americano a Brasileiros

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Turismo e Viagens de Negócios (B1, B2, BCC)	223.140	200.318	97.915	71.527	83.060	122.942	208.182	288.075	385.259
Estudantes e Intercambistas (F1, F2, J1, J2, M1, M2)	21.182	22.512	16.186	15.978	18.012	20.125	24.424	26.856	33.183
Trabalhadores Temporários e Família (E, H, I, L, O, P, Q, R)	10.168	10.437	9.754	10.404	9.763	10.367	11.611	10.982	10.970
Diplomatas e Outros Representantes (A, G, N)	3.934	4.046	3.661	3.754	3.856	4.246	4.291	4.890	4.651
Outras Categorias	2.672	3.296	2.089	7.132	44.343	42.556	35.254	28.932	15.826
Total	261.096	240.609	129.605	108.795	159.034	200.236	283.762	359.735	449.889

Fonte: US Department of State (http://travel.state.gov/visa/frvi/statistics/statistics_1476.html)

Considerações finais

Para mitigar o impacto negativo das políticas migratórias internacionais seria importante que os países de origem de emigrantes implementassem políticas públicas capazes de evitar um aumento excessivo no movimento de emigração de recursos humanos qualificados. De acordo com Velho (2001), como ponto de partida para políticas elaboradas com esta finalidade, seria fundamental identificar as deficiências no âmbito nacional e incentivar a criação de programas

educacionais em novas áreas, e promover intercâmbio de profissionais e acadêmicos, com o objetivo de abrir novos campos do conhecimento e, desse modo, sinalizar as áreas onde há carência ou excedente de mão de obra qualificada. O SELA (2009) sugere, ainda, a criação de um fundo destinado a investir um percentual anual em atividades de pesquisa e desenvolvimento locais, coordenadas pelas já existentes agências de fomento nacionais, para impulsionar ainda mais a produção de tecnologia e ciência nacionalmente. Acrescente-se a isso, segundo Velho (2001), a manutenção de registros e vínculos com emigrados de alta qualificação, para incentivar parcerias transnacionais e trocas de conhecimento. As agências de fomento à pesquisa, precisam manter os registros atualizados dos quadros de pesquisadores do país, identificando as áreas de conhecimento ainda vulneráveis e que possam ser privilegiados para bolsas no exterior (Velho, 2001). Finalmente, o investimento na melhoria da qualificação superior deve estar sustentado em três pilares: "montar um sistema interno forte de pós-graduação, motivar estrangeiros para estudar em tais programas, mandar nacionais para serem treinados no exterior", como parte de um projeto mais amplo de desenvolvimento, tal como o que se verifica na Coreia do Sul." (Velho, 2001, p.623)

De fato, uma atuação governamental planejada, alicerçada em políticas públicas e agências de fomento à pesquisa, que tenha a valorização do elemento humano como parte do processo de inovação, dotando-o de conhecimento e o transformando no lócus de sua propagação, contribuirá para tornar o Brasil um país disseminador de conhecimento, capaz de difundir avanços tecnológicos e contribuir para o desenvolvimento no país. Estas são, inclusive, idéias que orientam a CAPES e o CNPq.

Contudo, os dados com os quais trabalhamos neste *paper* são limitados para autorizar conclusões sobre a adequação ou eficácia de nossas agências. Importante mencionar que a escassez de informações sobre bolsistas não

retornados, executivos expatriados, emigrantes não documentados etc. não nos permitem apresentar resultados conclusivos. Optamos por contornar a ausência de dados, sumarizando aqui levantamentos de dados já disponíveis que, apesar de incompletos para os fins a que nos propomos, podem nos fornecer aproximações relevantes. As próprias limitações, por sua vez, indicam a importância de se manter o tema na pauta das pesquisas da área.

Objetivando sumarizar o que foi discutido até aqui e, assim contribuirmos para futuras pesquisas, alguns pontos devem ser assinalados, para considerações finais:

1 - Os dados levantados não sancionam afirmações de ocorrência de fuga de cérebros no Brasil, embora esteja aumentando gradativamente o número de emigrantes qualificados;

De fato, com uma taxa de emigração de 2,3% (total de migrantes qualificados sobre total da população nativa qualificada), o Brasil não evidencia a existência de um fenômeno de fuga de cérebros. Apesar disto, devemos nos atentar para algumas tendências identificadas neste trabalho. A primeira refere-se ao crescimento acelerado do fluxo migratório de pessoas com alta qualificação (aqui considerando, 13 anos ou mais de escolaridade) no período compreendido entre 1990 e 2007 tendo por destino países da OCDE. O crescimento médio mundial desses fluxos no período foi de 111,3%; o da América Latina e Caribe situou-se em 155,2%, enquanto o do Brasil foi de 246,7%, chegando a 218 mil emigrados em 2007. Outra característica importante é o crescimento mais acelerado do número de mulheres com estas mesmas características, destinadas também aos países da OCDE. Enquanto no referido período o crescimento do número de homens foi de 221,5%, chegando a 93,5 mil em 2007, o número de mulheres subiu 268,2%, chegando a 124,9 mil em 2007. Por fim, o Brasil figura entre os países da América Latina e Caribe como o país que mais forma localmente seus migrantes qualificados. Considerando que parte apreciável dos custos de pós graduação neste país é financiada pelos cofres públicos, o fluxo migratório originado no Brasil

para o exterior pode indicar uma perda – seja pelo investimento governamental sem retorno, seja pelo talento exportado.

2 - A inexistência de uma configuração clara de fuga de cérebros não nos autoriza concluir que o Brasil estará numa situação segura, quanto à sua eventual ocorrência no futuro. No atual processo de globalização, observa-se que a emigração qualificada ocorre em países que não podem ser considerados como pobres. Países do Leste Europeu e asiáticos, países que integram a sigla BRICs, como o Brasil e Índia, são todos fonte importante de emigrantes com alta qualificação.

3 - A América Latina, como vimos, se encontra diante de um quadro bem mais complexo. Analisando a posição do Brasil, dentro do contexto sul-americano, conclui-se desfrutar nosso país de uma situação mais confortável, especificamente quanto à fuga de cérebros. No âmbito das ações do MERCOSUL, caberia, eventualmente, uma discussão sobre políticas públicas destinadas a reter os profissionais qualificados da região, em benefício do progresso dos países da América Latina.

Pesquisas futuras poderão contribuir para o desenvolvimento deste debate, abordando os seguintes temas:

* O crescente processo de internacionalização das empresas no Brasil, processo este que vem ocorrendo há mais de vinte anos em nosso país, constitui um fator a explicar o aumento da emigração qualificada?

* A emigração não documentada é uma via de saída de profissionais qualificados? Haveria uma articulação / relação entre os dois fenômenos?

* O aumento significativo do número de programas de intercâmbio para

estudantes/pesquisadores e das bolsas concedidas de pós-graduação para o exterior, constatados nos dados apresentados, assim como o aumento do número de estudantes brasileiros matriculados em escolas bilíngües – que conferem maior mobilidade aos seus estudantes - são pontos importantes para a construção e expansão da rede migratória (embora por si só, não sejam capazes de induzir a emigração);

Uma última ressalva. Fatores de atração, tais como as políticas dos países desenvolvidos, se mesclam com fatores de expulsão. Não nos esqueçamos que, de modo geral, as migrações internacionais possuem causas multifatoriais. No Brasil, situações de violência, insegurança, corrupção, injustiça, dentre outras, somadas à expansão das redes internacionais, constituídas com objetivo de estudo e trabalho, podem ser elementos propulsores dos fluxos migratórios (Truzzi, 2008 e Fazito, 2002). Tentaremos responder a estas perguntas dando continuidade a este trabalho.

Referências Bibliográficas

ACCIOLY, Tatiana de Almeida. A circulação internacional de mão-de-obra qualificada na atualidade: políticas imigratórias dos Estados Unidos e Canadá e o Escritório de Imigração do Quebec em São Paulo. Tese de mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

ASSIS, Glaucia O. (2008) . As conexões entre os EUA e o Brasil: uma análise das redes sociais tecidas entre Governador Valadares e Criciúma. Caderno Neder, v. 2, p. 60-83, 2008 (disponível em www.editora.univale.br , sessão E-Books, acessado em 8/9/2009).

BRITO, Fausto ; BAENINGER, Rosana ; FAZITO, Dimitri . (2008) Situação das migrações internacionais do Brasil contemporâneo. In: BRITO, Fausto; BAENINGER, Rosana. (Org.). Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais. Brasília: Centro de Gestao e Estudos Estrategicos, 2008, v. , p. 150-172.

CARVALHO, José Alberto Magno de (2004) . Apresentador do Trabalho: Migrações Internacionais do Brasil nas duas Últimas Décadas do Século XX: Algumas Facetas de um Processo Complexo, Amplamente Desconhecido. SEMINÁRIO MIGRAÇÕES INTERNAS E OS SISTEMAS DE PREVIDÊNCIA SOCIAL. 2004. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

DOCQUIER, Frédéric e MARFOUK, Abdeslam.(2006) “International migration by educational attainment (1990-2000)”, em OZDEN, C. e SCHIFF, M. (eds.), International Migration, Remittances and the Brain Drain, Capítulo 5, Palgrave-Macmillan, 2006.

DOCQUIER, Frédéric, LOWELL, B. Lindsay e MARFOUK, Abdeslam (2008). “A Gendered Assessment of Highly Skilled Emigration”. Dezembro, 2008. Revised Version [Disponível em http://perso.uclouvain.be/frederic.docquier/filePDF/DLM_PDR.pdf]

FAZITO, Dimitri (2002) . Redes Sociais e Migração: mito e realidade. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002, Ouro Preto, 2002.

FAZITO, Dimitri e RIOS-NETO, Eduardo. (2008). “Emigração Internacional de Brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel da intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo” em Revista Brasileira de Estudos de População. São Paulo, volume 25, número 2, p. 305-323, jul/dez, 2008

FUSCO, Wilson . As redes sociais nas migrações internacionais: migrantes brasileiros para os Estados Unidos e Japão. Revista Brasileira de Estudos da População, v. 19, p. 161-163, 2002.

GODOY, Denyse (2009). *País perde cada vez mais "cérebros" para o exterior* www.folha.com.br Sábado, 01 de agosto de 2009 ANTÔNIO GOIS da Folha de S.Paulo, no Rio da Folha de S.Paulo, em Nova York

GUARNIZO, Luis Eduardo (2006). *Migración, globalización y sociedad: teorías y tendencias em el siglo XX.*, em ARDILA, Gerardo (Ed.), Colômbia: migraciones, transnacionalismo y desplazamiento, Facultad de Ciências Humanas UN, Coleccion CES, Bogotá, 2006.

LOWELL, B. Lindsay (2003). “The need for policies that meet the need of all”, Science and Development Network [Disponível em <http://www.scidev.net/dossiers/index>]

MARTES, Ana Cristina Braga (Org). (2009) Redes e Sociologia Econômica. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

MARTES, Ana Cristina Braga e SOARES, Weber. (2009) “Imigrantes Brasileiros na Europa” em FISCHER-BOLLIN, P. (org.) Anuário Brasil-Europa 2008. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2009.

MARTES, Ana Cristina Braga. (2001) *Emigração Brasileira: formação de mercados de consumo de produtos brasileiros no exterior* em RAE Light, volume 8, número 1, Jan/Mar, 2001, p. 8-12.

MARTES, Ana Cristina Braga. (1999) *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTINE, George. (2005) “A Globalização Inacabada – migrações internacionais e pobreza no século XXI” em SERVIÇO PASTORAL dos Migrantes (Org.) *Travessias na Desordem Global – Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MARTINEZ PIZARRO, Jorge (2006). “*Globalizados, pero restringidos. Una visión del mercado global de recursos humanos calificados*”, em CANALES, Alejandro I. (Ed.), *Panorama actual de las migraciones em América Latina, México*, Universidad de Guadalajara, 2006. P. 45-79.

NIDECKER, Fernanda (2008). Confirma os Critérios para Migrantes Qualificados. Reportagem publicada pela BBC Brasil em 26/03/2008 (disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/printable/080325_regra_squalificados_np.shtml último acesso em 18/08/2009)

ÖZDEN, Çaglar (2005). “*Brain drain in Latin America*”, International mobility of talent and development impact Project meeting, sponsored by UN, ECLAC and the World Institute of Development Economics Research, Santiago (Chile), 26-27 May.

PATARRA, Neide. (2006) “Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais” em *Estudos Avançados* 20 (57), disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a02v2057.pdf> , (último acesso 15/08/2009) 2006.

PATARRA, Neide. (2005) “Movimentos Migratórios Internacionais Recentes de e para o Brasil e Políticas Sociais: um debate necessário” em SERVIÇO PASTORAL dos Migrantes (Org.) *Travessias na Desordem Global – Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PATARRA, Neide e BAENINGER, Rosana. (1995) “*Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil*” em PATARRA, N. (coord) *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*, v.1, São Paulo: FNUAP, 1995.

RIOS-NETO, Eduardo. (2005). *Managing Migration: the brazilian case*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. (1972). *Projeto Retorno: Avaliação do Impacto do Treinamento, no Exterior, de Pessoal Qualificado*. Disponível em http://www.schwartzman.org.br/simon/proj_retorno.htm

SCHWARTZMAN, Simon. (1978). Publicado em Edson de Oliveira Nunes (org.), *A Aventura Sociológica – Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio De Janeiro, Zahar Editores, 1978, p. 67-85.

SCHWARTZMAN, Simon (2009). *“Fuga de cérebros, movilidad académica y redes científicas”*, Departamento de Investigaciones Educativas Del CINVESTAV e Institut de Recherche pour Le Développement, México, 2-4 de marzo, 2009, disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/sinvestav2009.pdf>

SCHELP, Diogo e TEIXEIRA, Duda (2008). *Talento de Exportação*. Em Revista Veja publicada em 16/07/2008, disponível em http://veja.abril.com.br/160708/p_070.shtml último acesso em 20/08/2009)

Sistema Econômico Latino-Americano e do Caribe (SELA). *La emigración de recursos humanos calificados desde países de América Latina y el Caribe: tendencias contemporáneas y perspectivas*. Caracas, Venezuela, 2009.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra (2008) . *Redes em processos migratórios*. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 20, p. 199-218, 2008.

VELHO, Léa, 2001. *“Formação de Doutores no País e no Exterior: Estratégias Alternativas ou Complementares?”* Dados – Revista de Ciências Sociais vol. 44, nº 3, p. 607-631, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582001000300005&lng=en&nrm=iso

Departamento de Estado Norte-Americano (disponível em <http://www.state.gov/> último acesso em 31/07/2007)

EUROSTAT (disponível em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home/> último acesso em 07/08/2009)

Talent Shortage Survey 2008 Global Results (disponível em http://www.manpower.com.br/pesquisas/Escassez%20de%20Talentos%20Results%202008_FINAL.pdf último acesso em 20/08/2009)

UK Border Agency – Immigration Rules (disponível em <http://www.ukba.homeoffice.gov.uk/policyandlaw/immigrationlaw/immigrationrules/> último acesso em 15/08/2009)

Yearbook of Immigration Statistics (disponível em <http://www.dhs.gov/files/statistics/publications/yearbook.shtm> último acesso em 28/07/2009)